



A Representação Social do Manifestante do MPL-SP no Primeiro Ato de 2015¹

Lucas Sant'Ana NUNES²

Vinicius Martins CARRASCO de Oliveira³

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Bauru, SP

RESUMO

O presente trabalho aborda a construção identitária e a representação social dos manifestantes através da análise de conteúdo dos *posts* e comentários de usuários da página do Facebook do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP) do evento conhecido como “Primeiro grande ato contra a tarifa”, realizado em nove de janeiro de 2015, depois do anúncio de aumento da tarifa de transporte coletivo, um ano e meio após as manifestações de junho de 2013. Neste sentido, quais identidades e representações sociais dos manifestantes são construídas simbolicamente nesse processo que envolve comunicação e produção de sentido com a apropriação das novas mídias e redes sociais digitais pelos movimentos sociais contemporâneos para articulação do ativismo em rede e por seus usuários? Elas (re)apresentam ou reproduzem os estereótipos negativos ou conseguem fazer com que a sociedade faça outra leitura dos participantes?

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Representação Social; Mídias Sociais Digitais; Movimento Passe Livre; Manifestações de janeiro de 2015

INTRODUÇÃO

Os otimistas em relação às tecnologias de comunicação e informação (TICs) atribuem às novas mídias uma característica mais autônoma e menos hegemônica da produção de mensagens em relação aos veículos tradicionais. Dentro da chamada cibercultura, que relaciona a tecnologia e o social, chamadas “novas mídias” ou mídias digitais constituem-se em um espaço de interações sociais e interfaces, interferindo nas relações entre cultura e identidade dos indivíduos, já que influencia o modo das pessoas se comunicarem, de agir e desempenhar seus papéis sociais (BAPTISTA e BERTOLLI FILHO, 2012). Elas reconfiguram os padrões de emissão e recepção caracterizando-se como canais de

¹ Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Relações Públicas e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC/UNESP), Bauru-SP, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho. E-mail: lucasnunes1991@gmail.com

³ Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC/UNESP), Bauru-SP, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho. E-mail: vmcarrasco@hotmail.com



comunicação que proporcionam um grau de interação e debate maior em relação às mídias tradicionais, como os jornais, revistas, TV e rádio.

Essa dinâmica comunicativa que envolve as redes sociais digitais ou de relacionamento utiliza-se, entre outros aspectos, da comunicação mediada por computador ou de dispositivos móveis se refere à ferramenta tecnológica e também às relações sociais, através das trocas de informação entre os indivíduos e da construção de sentido entre seus interagentes, construção pautada na conversação. Essa comunicação permite a construção de representações dos interagentes quer seja constituída de um perfil em um *site* de rede social ou através do conteúdo das mensagens que ele deixa registrada nesses suportes e segue o princípio de rede, pois implica na capacidade de envolver vários participantes de determinados grupos e contextos sociais (RECUERO, 2012).

Nos últimos anos, movimentos sociais se apropriaram da comunicação mediada por computador nas mídias sociais digitais como forma articuladora do ativismo em rede (net-ativismo) ou ciberativismo. Nessa construção simbólica que envolve comunicação e produção de sentido em tais meios constroem-se identidades e representações sociais.

O presente trabalho aborda a construção identitária e a representação social dos manifestantes através da análise de conteúdo dos *posts* e comentários de usuários da página do Facebook do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP) do evento conhecido como “Primeiro grande ato contra a tarifa”, realizado em 9 de janeiro de 2015, após anúncio de aumento da tarifa de transporte coletivo um ano e meio após as manifestações de junho de 2013, que haviam levantado principalmente a problemática do transporte e da mobilidade urbana.

Parte-se da conceituação da teoria das representações sociais e a relação com o conceito sociossemiótico de cultura adotado pelos teóricos dos Estudos Culturais. Em seguida, resgata-se o conceito de movimentos sociais para chegar às características dos movimentos sociais contemporâneos que se utilizam da dinâmica da rede, da comunicação mediada por computador e das redes sociais digitais ou de relacionamento para promoção do ativismo, entendido a grosso modo, como ação com objetivos definidos em prol de determinada(s) causa.

Para dar conta do objetivo proposto e da problemática que o envolve utiliza-se como metodologia a Análise de Conteúdo, que conforme Bardin (2011) é aplicável a qualquer



forma de comunicação e por ser um conjunto de técnicas de análises das comunicações, “seja qual for a natureza do seu suporte” desde mensagens linguísticas em forma e ícones até comunicação em três dimensões.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS MÍDIAS DIGITAIS

O conceito de representação social na acepção do psicólogo social romeno naturalizado francês Serge Moscovici trata de uma atualização do conceito de Émile Durkheim de Representação Coletiva. Moscovici estudou a forma como a psicanálise era representada socialmente em Paris, o que acabou por inspirar diversos autores a desenvolver, posteriormente, uma Teoria das Representações Sociais, partindo para outros objetos de estudo e desenvolvendo suas próprias metodologias.

Etimologicamente, a palavra representação remete ao termo latino ‘representare’, que significa ‘fazer presente’ ou ‘apresentar de novo’, ou seja, a representação, já em sua origem, carregava o significado de fazer presente algo ou alguém que está ausente, por intermédio de uma construção simbólica.

Portanto, as representações sociais podem ser definidas como

uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. (MOSCOVICI, S. 2007. p. 207)

Segundo a definição clássica de Jodelet (1985 apud SPINK, 1993, p. 300), as representações sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Consideradas numa perspectiva transdisciplinar, já que as representações fazem elas emergem como um campo multidimensional que possibilita questionar, de um lado, a natureza do conhecimento e, de outro, a relação indivíduo-sociedade, inserindo este campo de estudos entre as correntes epistemológicas pós-modernas. Em outras palavras articula as representações constituintes das formas de conhecimento prático orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação e emergem como elaborações ou construções expressivas de sujeitos sociais respeito de objetos socialmente valorizados (SPINK, 1993).

A representação social se configura como aquilo que dá sentido aos eventos cotidianos e práticas sociais. Dessa forma, os comportamentos e opiniões podem ser entendidos como desdobramentos destas elaborações cognitivas e simbólicas. Ou seja, pode-se observar que



existe uma negociação constante entre o indivíduo e a sociedade, onde as representações sociais e os processos comunicativos assumem uma importância crucial. Em outras palavras, o indivíduo participa de maneira ativa e consciente dos processos de construção simbólica das representações sociais. E, neste aspecto, há uma aproximação com a perspectiva sociosemiótica da cultura defendida pelos teóricos dos Estudos Culturais.

Stuart Hall, em palestra proferida na Universidade de Westminster, em Londres, aborda a relação entre a representação, a linguagem, os meios de comunicação, a ideologia e os estereótipos. Tais aspectos se entrelaçam ao rerepresentar determinadas identidades quer seja no sentido de reforçar os significados vigentes, quer seja na forma de reconstrução fragmentária da realidade que passa a ganhar projeção através dos meios.

Marx e Durkheim já reforçavam o caráter de ilusão da cultura e da representação como meio de dominação ao fundar o senso comum ou reforçá-lo neste caso, através da “consciência coletiva” e das representações sociais. De acordo com Bertolli Filho (2013, p. 29), apesar de haver certa afinidade com os postulados marxistas, entre os teóricos dos Estudos Culturais buscou-se o afastamento da ideia de que a cultura seja sobredeterminada pela infraestrutura, defendendo em vez disso a existência de um estado de contínuas tensões que instauram a formatação e a dinâmicas peculiares nas esferas econômicas, políticas, sociais e culturais. Há teóricos como Raymond Williams e Néstor García Canclini que rompem que a visão marxista ao entender que a cultura constitui-se no “mundo das significações”.

As representações sociais possuem a função de apresentar e explicar a realidade aos indivíduos. Dessa forma, elas mediam a forma como os indivíduos entram em contato com os objetos e sujeitos da vida cotidiana, além de contribuir para que os grupos e pessoas possam se situar na sociedade. Em outras palavras, o mecanismo das Representações Sociais é responsável por atuar nos processos de construções indenitárias como formação da autoimagem e visão social dos grupos e indivíduos.

As representações sociais podem alargar as diferenciações entre grupos sociais, contribuindo para a formação de estereótipias, já que são construções simbólicas negociadas culturalmente entre os indivíduos e a própria sociedade como um todo.

Os tempos de anseio por mudança e transformação social ou até mesmo de crise, abrem espaço para a elaboração de novas formas simbólicas e representações sociais, pois os cenários, que se apresentam como novos, requerem novas representações para explicar o momento em que a sociedade vive:



o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças. As pessoas estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não-familiar e perturbado. (MOSCOVICI, S. 2007. P.91)

Partindo deste pressuposto, surge a necessidade de verificar quais construções simbólicas foram produzidas, ou então reproduzidas, através dos meios de comunicação digitais, pois o novo cenário configurado pelos movimentos sociais e manifestações no Brasil introduziu novas representações sociais na vida cotidiana.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Segundo Cicilia Peruzzo (2013, p. 75), os movimentos sociais são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e que se organizam para reivindicá-los assumindo configurações dependendo de suas motivações, do lugar, do tempo histórico e da conjuntura em que se movem.

Um movimento social pressupõe a existência de um processo de organização coletiva e se caracteriza pela consistência dos laços, identidades compartilhadas, certa durabilidade e clareza não só no uso de táticas (mobilizadoras, comunicativas, civil, judiciais etc.), mas também nas estratégias, como aquelas envolvendo um projeto amplo de sociedade, ou pelo menos, propostas de programas para determinados setores. Os movimentos de mulheres, por exemplo, têm muito claras as metas a serem alcançadas a médio e longo prazo: igualdade de gênero e a conquista de todos os direitos de cidadania. (PERUZZO, 2013, P. 76)

Entretanto, não devem ser confundidos com coletivos, organizações não governamentais, grupos, associações etc., ou mesmo qualquer forma de manifestação coletiva ou movimento popular, caso de grupos como o *black bloc*, que agem em conjunto e usam máscaras negras e foram apontados como autores de ações violentas que culminam em depredações do patrimônio público e privado. Para Peruzzo, *black bloc é uma tática*, não uma organização ou movimento social.

De acordo Maria da Glória Gohn (2011, p. 335-336 cf. Gohn, 2008), os movimentos sociais são ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas e, em geral, “possuem



identidade, têmpositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade”. Para a especialista em movimentos sociais, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até o que ela chama de pressões indiretas.

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, como bem acentuou Melucci (1996). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo. (GOHN, 2011, p. 336)

Castells (2013, p. 14), por sua vez, afirma que, ao longo da história, os movimentos sociais exercem o contrapoder constituindo-se mediante um processo de comunicação autônoma e transformadora, livre do controle dos que detêm o poder institucional, utilizando-se do espaço híbrido situado entre os espaços digital e urbano.

O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto. Esse híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, a que dou o nome de espaço da autonomia, porque só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação; mas ao mesmo tempo, ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para seus cidadãos. Autonomia sem desafio torna-se retirada. Desafio sem uma base permanente para a autonomia no espaço de fluxos equivale a um ativismo interrompido. (CASTELLS, 2013, p.160-161)

Hoje, os movimentos sociais configuram-se por um público bastante heterogêneo que utiliza as redes digitais para dar voz às suas reivindicações, manifestar suas opiniões, lutar por suas causas.

O MOVIMENTO PASSE LIVRE E OS PROTESTOS DE 2013 E 2015



O Movimento Passe Livre (MPL)⁴ ganhou projeção depois dos protestos de 2013, em várias cidades brasileiras, pela redução da tarifa e melhorias no transporte coletivo urbano. Um ano e meio depois, sua vertente paulistana, MPL-SP, voltou às ruas, em 2015, para novas reivindicações após o anúncio do aumento da tarifa do transporte para R\$ 3,50 na capital de São Paulo. No primeiro mês do ano, seis manifestações organizadas ou atos, como são chamados pelos organizadores. O primeiro deles, intitulado “Primeiro grande ato contra a tarifa”, foi realizado no dia 9 de janeiro de 2015, partindo do Teatro Municipal de São Paulo, no centro da cidade e tomando as ruas da capital.

Para o “Primeiro Ato”, 49.875 pessoas declararam pelo Facebook que compareceriam, o que representa aproximadamente 11% dos convidados ou usuários da página oficial que abriga o evento. Entretanto, os dados do próprio MPL contabilizaram a presença um pouco menor, de aproximadamente 30 mil pessoas.

As origens do MPL remontam ao ano de 2003, quando uma revolta popular desencadeada por jovens, estudantes e trabalhadores fecharam as ruas de Salvador contra o aumento da tarifa numa paralisação de dez dias. O episódio ficou conhecido como “A Revolta do Buzu” e virou documentário com o mesmo nome dirigido por Carlos Pronzato. No ano seguinte, em Florianópolis, a chamada “Revolta da Catraca” da qual participaram estudantes, associações de moradores, professores, sindicatos e a população em geral, pedia redução as tarifas. Em 2005, depois destes dois episódios e durante a plenária do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, nascia o Movimento Passe Livre.

Em 2013, as mobilizações chamaram atenção por possuírem semelhanças com outros protestos desencadeados ao redor do globo nos últimos como a Primavera Árabe, o *Occupy Wall Street* e o Movimento dos Indignados ou 15M por, entre outras características, seguirem o mesmo processo de "propagação viral" de protestos nos outros países, utilizando as redes sociais para articulação, divulgação, cobertura e até mesmo informação sobre as ações antes, durante e depois delas ganharem as ruas utilizando assim do ativismo em rede ou net-ativismo ou ativismo em rede, um fenômeno que se multiplica pelo mundo.

O MPL se autoafirma como “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da

⁴ Mais informações sobre o Movimento Passe Livre (MPL) na página oficial (<http://www.mpl.org.br>) ou em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/MovimentoPasseLivrempl/info>), nas páginas de coletivos como sua vertente paulistana (<http://saopaulo.mpl.org.br/>), no perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/passelivresp/info>) ou no site <http://tarifazero.org/mpl/>.



população e fora da iniciativa privada” foi o principal ator social ou articulador dos protestos de junho. O MPL se auto intitula um “movimento social brasileiro que luta por transporte público” e declara que “uma das principais bandeiras do movimento é a migração do sistema de transporte privado para um sistema público, garantindo o acesso universal através do passe livre para todas as camadas da população”, além de aprofundar o debate sobre o direito de ir e vir, sobre a mobilidade urbana nas grandes cidades e sobre um novo modelo de transporte para o Brasil.

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ASSOCIADAS AO MANIFESTANTE, RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente análise abrange o conteúdo dos 8 *posts* da página do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP) no Facebook que correspondem às publicações de divulgação do “Primeiro grande ato contra a tarifa”, realizado no dia 9 de janeiro de 2015 e os comentários de usuários nos mesmos *posts*, que foram curtidos por 11.534 seguidores, comentados por 870 deles e compartilhados por 1.410 usuários, recursos que medem a “aprovação” ou “aceitação” do que foi postado, sistematizando as temáticas envolvidas nas representações sociais veiculadas pela mídia e na recepção dos internautas e sua interação através da manifestação de opinião.

A partir dos dados colhidos, foram elaborados gráficos, tabelas e análises que serão destacados a seguir sobre as representações sociais associadas ao manifestante, além de analisar possíveis causas e consequências sociais para tais representações, inferindo em seu impacto na sociedade.

As Tabela 1 e Figura 1 trazem as construções simbólicas mais recorrentes nos *posts* do MPL-SP analisados em sua página da rede social ou de relacionamento. Os dados referem-se aos termos que aparecem com maior frequência nos discursos dos usuários da rede para caracterizar o manifestante.

Referindo-se ao que foi publicado pelo Movimento Passe Livre, o teor das representações sociais contidas nos termos mais recorrentes de tais *posts* observa-se uma clara tentativa do MPL-SP de legitimar os protestos. Para o movimento, o manifestante é associado a construções como “reivindicador de direitos” (em 59% das ocorrências), “cidadão” (em 32%) e “militante” (em 9%). A leitura de tais representações demonstra a visão que o Movimento Passe Livre possui acerca dos movimentos sociais como um todo, numa relação

com a cidadania estimulando os sujeitos ou usuários (cidadão) a participar das manifestações e exigir aquilo que lhe é de direito.

Manifestante	Frequência de ocorrência
Reivindicador de direitos	13
Cidadão	7
Militante	2

Tabela 1 – Frequência de Ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos Posts do MPL-SP no Facebook

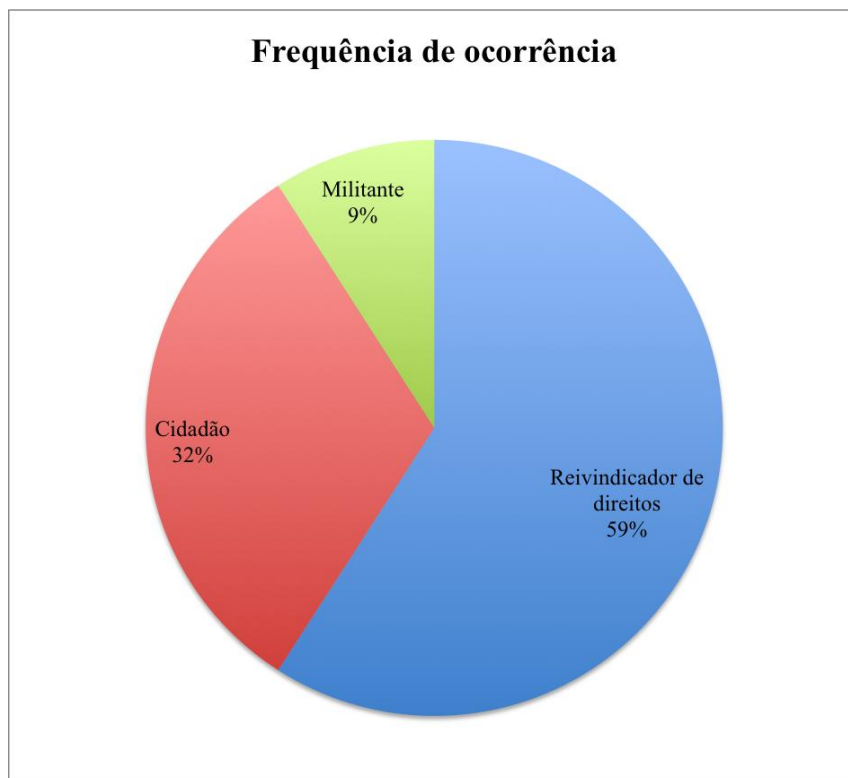


Figura 1– Frequência de Ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos Posts MPL-SP no Facebook

O grau de recorrência dos termos ligados às representações sociais dos manifestantes nos comentários de usuários do Facebook na página do MPL-SP aparece representados na

Tabela 2 e na Figura 2. Nelas observa-se um quadro diametralmente oposto às representações dos *posts*. Enquanto o MPL busca legitimar as manifestações, os usuários que comentam os *posts*, em sua maioria tendem a desqualificar o manifestante. Observam-se construções simbólicas negativas como “desordeiro”, “anarquista”, “vândalo”, “badernista” em 36% do material analisado. Da mesma forma, termos como “vagabundo” e “desocupado” aparecem em 11% dos comentários, mesmo percentual de expressões como “cidadão”, “reivindicador de direitos”, “militante” enquanto “trabalhador” e “estudante” figuram em porcentagem menos expressiva (2%).

Manifestante	Frequência de ocorrência
Desordeiro, anarquista, vândalo, badernista	32
PT, Petralha ⁵	21
Vagabundo, desocupado	10
Cidadão, Reivindicador de direitos, Militante	10
Mascarado, <i>Black Bloc</i>	6
Esquerda caviar, estudantes de humanas, jovens, pessoas de classe média alta, esquerdopatas	4
Maconheiro	3
Trabalhador	2
Estudante	2

Tabela 2 – Frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos comentários de usuários do Facebook na página do MPL-SP

⁵ Petralha - neologismo criado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, no livro *O País dos Petralhas* (Ed. Record, 2008). O termo é resultante de um jogo de palavras entre petista e metralha e remete aos personagens Irmãos Metralha, quadrilha das histórias em quadrinhos da Disney que tinha como intuito assaltar o cofre do personagem Tio Patinhas. Azevedo, ferrenho crítico do governo do ex-presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores, faz alusão ao propósito de enriquecimento do PT com dinheiro público.



Figura 2– Frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos comentários de usuários do Facebook na página do MPL-SP

No teor dos comentários nos *posts* há uma tendência à generalização e à polarização do debate, onde dicotomias como PT vs. PSDB, Petralhas vs. Tucanos, Vândalos vs. Cidadãos de bem, etc. são utilizadas como ponto de partida para discussões, o que por consequência acaba empobrecendo o debate. A descrença na política e nos meios pacíficos e ideológicos de mudança social também se manifesta de forma marcante. Tal característica é presente no argumento tanto dos grupos que são a favor dos protestos e dos que são contra, o que mostra uma insatisfação e ceticismo com relação às instituições políticas brasileiras. Este ponto é interessante pois se apresenta como uma contradição presente nos protestos, já que quando a violência foi realmente empregada nas manifestações através da ação de grupos



black blocs, o movimento passou a ser deslegitimado por todas as parcelas da sociedade, que argumentavam que os protestos deveriam ser ordeiros e respeitarem o patrimônio público, caso quisessem que suas reivindicações fossem ouvidas.

Entretanto, a maior contradição presente nesta questão ainda, é que mesmo os que não acreditam na ação de *black blocs*, nem em qualquer tipo de depredação ou uso de violência em protestos, são a favor da repressão brutal realizada pela polícia militar, um indício de que a sociedade vê o Estado como o único capaz de consumir a violência física e simbólica, detendo seu monopólio.

Outro ponto importante e latente nos comentários de usuários do Facebook na página do MPL é a desinformação com relação às causas do aumento do transporte público. Enquanto alguns apontavam o Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff, a presidente do país, Fernando Haddad, prefeito de São Paulo, outros apontavam Geraldo Alckmin, o governador do estado. No entanto, poucos apontaram o lucro das empresas responsáveis pelo transporte público na cidade de São Paulo como um fator fundamental para este aumento.

As interações sociais através dos comentários e réplicas aos comentários parecem convergir ao ponto em que um debate político é impossível de ser realizado pois adquirem tons ofensivos com o uso de xingamentos frequentes entre os usuários, o que acaba por deixar o debate para segundo plano.

De maneira geral, o que pode-se depreender de tal cenário é a dissonância entre a visão do MPL e dos usuários que comentam na página do Movimento no Facebook. Enquanto a organização trabalha para mostrar uma imagem do manifestante ligada à cidadania e à legitimação dos movimentos sociais como aliados da transformação democrática da sociedade, os usuários parecem ir na direção contrária, ou seja, na deslegitimação do Movimento, bem como na desqualificação do manifestante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se a partir desta análise dos enunciados presentes em tais canais de comunicação utilizadas pelo Movimento Passe Livre que o manifestante ainda é visto negativamente como vagabundo, arruaceiro, baderneiro, etc. por grande parte daqueles que comentam nos *posts* do MPL.

Ao colocarmos em perspectiva os comentários dos usuários é possível observar o ressoar de um discurso muito presente na mídia conservadora do país, que já promoveu



diversas tentativas, ao longo da história, de criminalizar movimentos sociais, deslegitimando-os através de seu posicionamento. A chamada “grande mídia” ainda possui um expressivo poder em agendar e pautar as discussões cotidianas, bem como de reproduzir e legitimar determinadas representações sociais que reiteram sua ideologia e, por sua vez, se projetam também nos “novos” canais de comunicação.

Infere-se que, nas redes sociais há uma reprodução da própria forma como o manifestante é visto na sociedade. Um ano e meio depois dos protestos de junho de 2013 há ainda uma forte ligação com a questão da violência observada nas ruas durante aquela ocasião com depredação do patrimônio público e o distanciamento das principais reivindicações do movimento. Um indício que reflete a visão mais cética em relação às tecnologias de informação e comunicação de que ela passa a reproduzir ou apropria-se da visão hegemônica dos velhos meios e da própria sociedade e, que, numa perspectiva pessimista ela reflete o contexto no qual se insere, conseguindo, em determinados casos, mudanças pouco significativas no que se refere a valores, de certa forma institucionalizados.

Por fim, destaca-se o importante papel das representações sociais no posicionamento dos indivíduos e grupos na sociedade, construindo sua identidade. Dessa forma, podemos entender a legitimação de determinadas representações como responsáveis por desdobramentos nos comportamentos e opiniões dos indivíduos. Até certo ponto, também poderia se traçar uma relação entre a ideologia transmitida através da cultura e das representações sociais.

É preocupante a forma como a sociedade vê os movimentos sociais e ainda possui ou reforça estereótipos acerca dos participantes de manifestações. A participação popular no processo democrático, seja nas urnas, nos processos decisórios, nos movimentos sociais e nos protestos de rua são formas legítimas de cidadania e devem ser vistas como tal. A este respeito, as representações sociais, em especial dos movimentos sociais contemporâneos ainda possuem um longo caminho a trilhar para que o cenário seja modificado e a visão social sobre o manifestante seja descriminalizada. Não basta mudar o suporte e atribuir a ele o papel de mudança, se as mentalidades ainda carregam valores monolíticos difíceis de serem vencidos. Cabe aos movimentos sociais rever a questão da sua própria representação e buscar através da comunicação, utilizando todo o potencial das novas mídias, reverter esse cenário depreciativo de sua própria imagem ou identidade, utilizando-a como fonte de esclarecimento. É preciso, sobretudo, rever a materialização dos atos comunicativos que se manifestam nas formas de ativismo, procurando afastá-lo das leituras negativas às quais possam ser associadas



e que, por ventura, denigram o seu propósito transformador. É um trabalho lento que depende de educação, da formação consciente do público, de seus integrantes ou simpatizantes e, sobretudo, do esclarecimento da sociedade. Esse trabalho já vem sendo feito pelo MPL, ao utilizar os diferentes canais pela internet, as redes sociais ou de relacionamento e o trabalho em rede e de base em grupos e comunidades para esclarecer os objetivos de suas lutas e em sua postura de se desvincular de grupos com interesses políticos difusos à sua luta. O desafio sistêmico e complexo a ser encarado e conseguir que a sociedade adquira mais senso crítico para analisar os discursos que se reapresentam ou se reproduzem como verdades absolutas e questioná-los, questionar suas origens e suas implicações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Juliana; BERTOLLI FILHO, Cláudio. Cultura, **Identidade e o *Zeitgeist* Digital**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-2246-1.pdf>. Acesso em 10 ago. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTOLLI FILHO, Claudio. As pesquisas no campo da Comunicação e os conceitos de cultura. **Revista Comunicação Midiática**, v. 8, n. 2, p. p. 14-35, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, Aug. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Fev. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>.

HALL, Stuart. Representation & the media. **Media Education Foundation**. 1997, 2005. Disponível em: http://www.mediaed.org/assets/products/409/transcript_409.pdf. Acesso em 16/07/2012. (Tradução: Murilo C. Soares)

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

MACHADO, Jorge Alberto S. *et al.* **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, v. 18, p. 248-285, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

UNESP | FAAC | Bauru-SP | 22-24 de abril de 2015

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”? **MATRIZES**, v. 7, n. 2, p. 73-93, 2013.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede: Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SPINK, Mary Jane P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 300-308, 1993.